

# A ARGUMENTAÇÃO POÉTICA DE MSAHO

## MSAHO'S POETIC ARGUMENTATION

*Camila de Toledo Piza Costa Machado<sup>1</sup>*

---

### RESUMO

Virgílio de Lemos, escritor moçambicano nascido em 1929, foi um dos idealizadores da revista literária *Msafo*. Com um único número publicado em 1952, foi logo proibido pela Polícia Internacional de Defesa do Estado – a PIDE –, censura que contemplava a então colônia portuguesa. O poeta, contudo, manteve a sua escrita de editoriais, intercalando essa elaboração com um de seus heterônimos: Bruno dos Reis. A proposta deste estudo é observar alguns desses textos de opinião que se revelam apresentações metafóricas e políticas sobre os principais objetivos da folha, além de alguns poemas que dialogam com a revista. Presente na antologia *Jogos de Prazer* (2009), organizada por Ana Mafalda Leite, os textos selecionados propõem uma reflexão sobre a literatura da época e sobre a nação moçambicana em construção.

PALAVRAS-CHAVE: Revista *Msafo*; Virgílio de Lemos; Editoriais

### ABSTRACT

Virgílio de Lemos, a Mozambican writer born in 1929, was one of the creators of the literary magazine *Msafo*. With a single issue published in 1952, it was soon banned by the International Defense Police of the State – the PIDE – censorship that contemplated the then Portuguese colony. The poet, however, kept his editorial writing, interspersing this elaboration with one of his heteronyms: Bruno dos Reis. The purpose of this study is to observe some of these opinion texts that reveal metaphorical and political presentations about the main objectives of the leaf, as well as some poems that dialogue with the magazine. Present in the anthology *Jogos de Prazer* (2009), organized by Ana Mafalda Leite, the selected texts propose a reflection on the literature of the time and on the Mozambican nation under construction.

KEYWORDS: Magazine *Msafo*; Virgílio de Lemos; Editorials

A literatura produzida no atual território de Moçambique passou por algumas tensões entre alienação cultural, submissão e assimilação da cultura europeia até a tomada de consciência nacional, valorização das culturas locais e crítica ao processo de colonização (Fonseca & Moreira, s.d.). Esse processo, semelhante nos cinco países africanos de língua portuguesa, possui marcos importantes de ruptura com certo padrão literário existente.

Isso se corrobora com a perspectiva de Chabal (1994) que afirma que a literatura no atual território moçambicano passa por quatro fases, respectivamente: assimilação, em que haveria uma influência quase que exclusiva da literatura europeia; resistência, em que há uma conscientização, permeada por uma responsabilidade em defender a cultura africana; afirmação, espaço em que o escritor procura marcar seu lugar na sociedade; e consolidação, buscando delinear novos rumos para a literatura que tenta se inscrever no corpus universal.

Considerada uma das revistas literárias mais importantes do atual território moçambicano, *Msafo* é uma folha de poesia cujo nome designa dança e música do povo chope do sul da então colônia portuguesa. Com apenas um número publicado, em 1952, foi fundada por Virgílio de Lemos, Reinaldo Ferreira e Augusto dos Santos Abranches. Ela se propunha romper com os moldes coloniais que tentavam aprisionar a literatura produzida na época, circunscrita ainda em um momento de tentativa de formação de uma conscientização das características particulares do território do atual Moçambique.

Esse único número foi rapidamente ameaçado pela PIDE, devido a engajamentos e críticas de toda sorte. Apresentava, em suas páginas amarelas e letras negras, poemas de Noémia de Sousa, Reinaldo Ferreira, Cordeiro de Brito, Domingos Azevedo, Ruy Guerra, Alberto de Lacerda, Augusto dos Santos Abranches e Duarte Galvão – sendo este último um dos heterônimos de Virgílio de Lemos.

Nas palavras do próprio, em entrevista:

*Msafo* pretendia uma visão aberta, liberta de preconceitos e militâncias estigmatizadas. A nossa militância era poética: fundia contenção e rigor, mas buscava também as pulsões e sensações da poesia, ou seja, um corpo a corpo silabar com a linguagem do desejo. (...) Portanto, *Msafo*, embora tenha tido um único número, foi precursora da modernidade na poesia moçambicana. Foi ela quem apontou para a urgência da ruptura com as práticas literárias existentes, até então, em Moçambique. (LEMOS, 1999, p. 153)

Dessa forma, o projeto literário concebido objetivava não apenas voltar os olhos para o que estava ocorrendo no mundo, mas tentar buscar uma espécie de isolamento, sob uma dupla reflexão: voltar-se para dentro do atual território moçambicano, valorizar suas culturas, ritmos e cores; e lançar-se para fora, observando as vanguardas artísticas e literárias da época, como o dadaísmo e o surrealismo.

Isso pode ser observado no editorial produzido por Bruno dos Reis para a segunda edição da revista, que foi idealizada por Virgílio, mas que nunca chegou a ser publicada:

A poesia de Moçambique será uma poesia que se liberta de todas as amarras. E no seu corpo interior, seu corpo e espírito, seu desejo, de olhos abertos, ela será uma poesia singular sendo universal. Ela não poderá ser apenas uma poesia de militância e de protesto. (...) As nações demoraram séculos a construir-se através do mundo. Aqui devemos aceitar as pontes de respeito e ligação entre o português e as línguas maternas, respeito pelas culturas de cada um dos povos, minorias e majorias que constituem este xadrez étnico e cultural. (LEMOS, 2009, p. 604-605)

É importante observar que a concepção dessa nova poesia que emerge não diz respeito apenas aos textos que seriam publicados na folha; mas principalmente a um quase manifesto dos princípios e parâmetros estabelecidos pela equipe para oferecer um novo rumo para a literatura. O gênero editorial, dessa forma, mais do que apresentar a proposta de *Msaho*, é capaz de opinar e criticar muito do que era produzido na época.

Compreendendo as múltiplas influências linguísticas, está atenta à influência das línguas locais da então colônia portuguesa. Dessa forma, acaba por ser também uma reflexão sobre o pensamento da colonização e da inserção da voz, dos ecos literários no contexto mundial, atentando sempre para a tensão existente entre a sociedade colonial e a africana na década de 1950 (Fonseca; Moreira, s.d.). Mesmo porque

O movimento Msaho procurou despertar um novo olhar sobre a literatura moçambicana propondo, figurativamente, um voltar-se para a ilha e, simultaneamente, buscar sair do isolamento. Essa dupla proposta contemplou a diversidade da cultura de Moçambique e de suas ilhas e possibilitou a afirmação de uma identidade múltipla (MORAES, 2009, p. 58)

Essa obsessão pelas ilhas se relaciona diretamente com a vida do escritor, nascido a norte do atual território moçambicano, em uma localidade chamada Ilha do Ibo. Sua vida é cercada por diversas influências, como os povos macuas, seus pais portugueses que moravam em Goa, o tempo em que estudou em Durban e Joanesburgo, o período em que morou na França depois de 1963, a poética de Virgílio de Lemos está simultaneamente atenta aos dilemas locais e cosmopolitas, uma vez que tenta conjugar norte e sul em sua obra – o berço no norte e as influências das vivências no sul.

Essa ideia se relaciona com o fato de que “ilhas e cidades portuárias são lugares privilegiados a partir dos quais se pensar o oceano como rede, por representarem a ideia do cruzamento, no duplo significado de hibridação e travessia.” (Falconi, 2013). Assim, essa reunião de opostos – que se harmonizam e tensionam – encontra na figura das ilhas metáfora produtiva, uma vez que elas se estabelecem mais do que um conceito filosófico, literário e estético, mas como uma estratégia de crítica social e política.

A poesia de Virgílio de Lemos, sendo dicotomia ilha-mar, é, quanto a mim, mais ilha que mar, um vaivém permanente entre isolamento e abertura. Mas é, sobretudo, “movimento”, diálogo com o Outro – diálogo com os textos que leu e mais o impressionaram – com a música que escutou e o fez vibrar – com a pintura e as cores, com a própria musicalidade e luz que ele cria. (NUNES *In* LEMOS, 1999b, p. 7).

Nessa força criadora, a palavra poética é protagonista, conferindo um caráter metalinguístico a seus poemas, mas que não exclui o seu forte caráter político. Assim, a língua é, muitas vezes, ressignificada no corpo do poema, transgredindo as relações de poder pela imposição de uma língua e de uma cultura.

Nessa perspectiva, o labor poético se revela como um elemento de força criadora, capaz de inaugurar novos universos e estabelecer reflexões produtivas, mesmo porque “A ilha existe não porque a achasses/mas porque a nomeias” (LEMOS, 1999b, p. 11).

Essa importância do nome na própria concepção existencial das coisas se revela na criação heteronímica do poeta, que, por conta da censura da época, precisou inicialmente assinar seus poemas com outro nome: Duarte Galvão. Essa “teia de fugas” acaba se complexificando e culmina na criação de diversos personagens-poeta que interagem entre si e, algumas vezes (como é o caso do Duarte), elaboram poemas em parceria com o próprio Virgílio, corroborando o desgarramento deles em relação a Lemos. É o caso do trecho do poema abaixo, que reflete sobre algumas das propostas poéticas e políticas da revista *Msafo*.

#### MSAHO 1

(*msafo*, ritmo, estética  
sobretudo ética  
de um movimento,  
novas sobrevivências  
contra o sobreviver,  
o tédio a concentração  
dentro e fora  
do espaço colonial  
caleidoscópio cultural  
antropofágico  
à maneira dos paulistas  
modernistas,  
lúdicos arcos,  
enfunadas velas  
na busca d'espacos  
não visitados do corpo  
e da alma,  
incoerência e lucidez  
na vertigem, *msafo*) (LEMOS, 2009, p. 202)

Os versos acima justapõem imagens e conceitos que formam um mosaico de influências, pensamentos, opiniões, de modo a propor um movimento de reflexão e de descoberta da palavra – *msaho* como o ponto de partida desse processo –, mas também de uma nação que ainda não se estabeleceu politicamente. O trecho em questão, produzido no mesmo ano da publicação da revista, evoca esses elementos diversos para transgredir e incomodar.

Dessa forma, a própria disposição desse início de poema – o uso dos parênteses – estabelece uma informação marginal aos versos que se sucedem. É importante identificar que *Msa*ho, nesse contexto, é mais do que um ritmo e uma dança, torna-se um conceito filosófico-literário, deslocando e alargando sentidos locais. No esgarçamento de fronteiras, essa cosmovisão se converte em um tratado sobre o que é a própria poesia, em um dilema existencial que não paralisa, mas coloca sempre em movimento essas imagens em trânsito.

Ressaltando ainda o caráter político da tensão provocada pela linguagem poética, o desconhecido é mobilizado – “na busca d’espacos / não visitados do corpo / e da alma” – para ser, através de *Msa*ho, percorrido e habitado. O poema, desse modo, se transforma no espaço do desejo, em que as formas e fronteiras de uma nação que se constrói, de um corpo e de uma alma que se delimitam e de uma palavra que se reconhece como forma de existência.

Para tanto, é a configuração de um novo “espaço colonial”, território conquistado e massacrado pela violência, ambiente de dilaceramento e poder que é capaz de se constituir através da palavra poética. A força do poema, de seus versos, de seus silêncios e de se suas resistências, conjugam no cenário literário, múltiplo e multiplicador de influências, reorienta os novos fazeres e saberes do “país que ainda não havia nascido”. (Couto *In* Lemos, 1999a, p. 15)

Para compor a poesia do mar e das ilhas, lavrou o desenho da palavra sobre o desejo, em um discurso enriquecido pelo diálogo intertextual com vários escritores e culturas, marcado por trânsitos diversos, permeado por vivências dos outros. A estética virgiliana, liberta e libertadora dos grillhões impostos pela colonização e outras formas de autoritarismo, recusou-se, veementemente, a recair no isolacionismo ou no provincianismo local. (LEAL, 2018, p. 93)

A ambição de não se limitar às fronteiras impostas também dialoga, de fato, com o oceano Índico. Repleto de entrecruzamentos,

o Índico, geográfica e historicamente, foi, desse modo, palco tanto dos mercadores árabes, como dos colonizadores lusos. Por esse motivo, carrega em si heranças múltiplas: africanas, orientais e ocidentais, *presentes ainda hoje no imaginário sociocultural moçambicano*. (SECCO, 2016, p. 62, grifo do autor).

Essas múltiplas influências nem sempre são vistas, contudo, como uma idealização do estrangeiro. Esses elementos culturais referidos em suas obras também são selecionados com critério. Por exemplo, se associando às ideias do modernismo brasileiro, utilizando o conceito da antropofagia como um dos parâmetros de alusão. Isso fica bastante evidente no poema abaixo da série *Msafo e outros poemas* (1951-1955):

10.  
MSAHO abre as portas labiais  
S  
A bre contra a importação do V A Z I O  
H  
O (LEMOS, 2009, p. 219)

Esse desejo no estrangeiro, como a única fonte possível de cultura legitimada, é fortemente questionado no poema que, por si só, apresenta desconstruções e vazios em uma espécie de acróstico semi-silenciado. A boca – no movimento dos lábios, desde um murmúrio ao grito mais potente – é tomada como uma porta, uma potência de expressão, inclusive do vazio.

Contemplando, dessa maneira, uma resistência à colonização não apenas política, mas ideológica e simbólica principalmente, é capaz de aprisionar diversas existências. Assim, é através do processo poético, de profunda reflexão sobre a existência singular e universal, que a poética de Virgílio de Lemos se concebe: metalinguística, política, social e mesmo filosófica.

Essa perspectiva também fica extremamente clara nos editoriais escritos por ele e por seu heterônimo “cerebral”, o Bruno dos Reis. Sobre esses textos de opinião, é possível afirmar que

os editoriais, além do teor opinativo, também são utilizados pelas instituições periodísticas como textos de apresentação dos conteúdos e propósitos de um jornal ou de uma revista. Desse modo, são utilizados para introduzir um periódico no mercado, quando, no primeiro número a ser publicado, os redatores fazem uma autoapresentação do jornal. Sem perder a essência opinativa que pode estar implícita, expõem a sua linha editorialística. (SALLES, 2009, p. 79)

Nessa tentativa de esclarecer não apenas um projeto político, mas, principalmente, um projeto de nação, a reunião de escritores engajados em diversas causas confere uma unidade na diversidade nas revistas que não foram publicadas, mas que apresentavam um projeto literário-político extremamente sólido. Essa ideia fica extremamente clara no trecho de um editorial também assinado por Bruno dos Reis:

Msafo será, sem pretensões, a busca de uma nova luz. Uma outra palavra. Sendo poesia de solidão e desespero, será uma poesia de revolta, de protesto, mas de ironia e de humor. Abrir as janelas dentro e fora deste Moçambique. Uma poesia que saiba ser simultaneamente presença e errância, sendo poesia

do continente, poesia da terra, ser também poesia do mar, sendo poesia das ilhas.

Nunca poesia de isolamento voluntário, de solidão e dor. Abrir as janelas de par em par. Bater as portas, malcriadamente. Abertos à poesia de todos os simbolismos e surrealismos. (...)

Mas os homens do mundo <<colonizado>> continuam sem poder dispor de <<liberdade de expressão>>. Os direitos do homem são <<amordaçados>>. (LEMOS, 2009, p. 606)

No trecho acima, pode-se observar que esse vislumbre não diz respeito apenas a uma mera crítica ao contexto sócio-político da época, mas principalmente à literatura que era realizada até então. O objetivo, ao elaborar esses editoriais, era também o de convocar novos escritores para uma cena literária mais reflexiva, consciente de sua autonomia e potência.

Além disso, há, nos editoriais, um manifesto também das populações locais: o estatuto de colonizado se sobrepõe à palavra e o silêncio se revelaria a única opção. Nesse caso, *Msafo* se revela como um espaço da linguagem para resistir e reapropriar a palavra, a própria língua em um território que será percorrido, descoberto e transgredido.

Outro aspecto de extremo relevo, nesse contexto, era o de união dos povos de língua portuguesa no mundo, não só relacionado com o esgarçamento de fronteiras, mas principalmente com o diálogo aberto com algumas raízes semelhantes (nesse caso, principalmente o Brasil). A língua portuguesa é, dessa forma, vista como uma herança da violência da colonização, potência criadora da própria poesia.

Poesia e língua portuguesa. Poesia e línguas maternas: elo de amor e fraternidade. (...) Saibamos resistir como cidadãos contra o colonialismo e a ditadura, que teima em não fazer concessões, em não ceder.

E mesmo que a poesia não deva ser militância e resistência, possa ela, sem deixar de ser o que a poesia tem de ser na sua essência, abrir as suas portas à luta pela dignidade do homem, seja ele negro aqui, seja ele o operário (a) ou agricultor (a) nos latifúndios de Portugal, nas favelas do Brasil. (LEMOS, 2009, p. 608-609)

A consciência do processo da colonização, do estar no mundo e da quase universalidade dos dilemas vividos pelas minorias no contexto global faz com que os editoriais se tornem quase manifestos contra desigualdades e preconceitos. A poesia, mesmo sendo espaço de militância e resistência, não deixa, contudo, de se revelar mais do que isso: é espaço de autorreflexão, sem se resumir a um mero panfletarismo.

A língua – “o exílio do que sonhas” (Lemos, 1999b) – é comunhão, intersecção de interesses, em que o espaço do colonizado também pode ser contemplado. O contexto ditatorial vivido em Portugal à época, durante 41 anos ininterruptos, contribuiu, de certa forma, para que não se visse o

colonizador e seu espaço meramente como inimigo. *Msafo*, dessa forma, também se revela extremamente consciente de um sistema que coíbe impositivamente um pensamento castrador e violento, através de suas transgressões e de seu vanguardismo.

Esse tempo além do tempo – ou um “prenúncio de /um incerto tempo” (LEMOS, 2009, p. 198) – é capaz de dialogar diretamente com o contexto vivido, mas de deslocá-lo para outras lógicas. A consciência, portanto, desse tempo circunscrito em um espaço, mas que é capaz de transcendê-lo, fica extremamente clara no trecho do editorial de número sete, assinado também por Bruno dos Reis:

Poesia dentro do tempo e fora do tempo? Poderá o poeta abster-se do tempo? Mas será que o tempo existe ou não será o real quem o determina?

Não poderá o poeta viver fora do tempo? Será o poeta tempo em função da paisagem social, cultural e da história? (...)

O tempo existe fora do tempo. E fora do real. As rupturas entre nosso consciente e ou inconsciente existem fora do tempo e de certo modo fora da história, ou de um conceito de história ligado ao triângulo <<passado, presente, futuro>>.

Resta questionarmo-nos sobre se o tempo, se é que ele existe, vive em ruptura permanente consigo próprio. Ou se ele, o tempo, é uma sucessão de rupturas numa continuidade. (...)

De que liberdade e de que margem de manobra dispomos se nos quisermos libertar de um conceito de tempo tão rígido, tão inscrito numa sociedade produtivista e apostada nas desigualdades sociais, por excelência? (LEMOS, 2009, p. 611-612)

Partindo, dessa forma, de um conceito filosófico e existencial, o discurso argumentativo do gênero editorial se mescla com a metalinguagem de uma poética que se reconhece enquanto reflexão política também. Essas três vertentes importantes – a filosófica, a poética e a política – encontram espaço fértil para se produzir no silêncio dos editoriais idealizados, mas publicados mais de 50 anos depois na antologia *Jogos de prazer* (Lemos, 2009).

Deslocando a palavra de revolta e grito para um espaço mais obtuso, em que a censura e o silenciamento também são formas de resistir, “o silêncio recorta o dizer. Essa é sua dimensão política.” (ORLANDI, 2007, p. 53). Dessa maneira, revela-se, na análise da obra poética do autor, a importância em observar os silêncios, as fraturas e os interditos produzidos, não apenas como recurso estético, mas principalmente como resposta à censura da época.

Esse projeto literário subjacente à revista *Msafo* apresenta em seus editoriais, dessa forma, uma reflexão sobre o tempo em que se vivia: uma profusão de tendências artísticas que se interpenetravam de certa forma nas ideias e nos pensamentos debatidos e defendidos pela equipe da revista, como, no caso da inspiração brasileira, o movimento antropofágico desen-



volvido pelo Modernismo brasileiro. Os poetas, com efeito, se reconhecem no dever não apenas de produzir autocrítica, mas de refletir sobre a nação que à época era construída através dos braços, das armas, mas principalmente pela palavra.

Por isso,

Poesia que participa na mudança. No acelerar de um processo de emancipação e de autonomia, que facilite o diálogo uma convivialidade que tarda? Poderá assim ser. Como vamos sair do impasse actual que busca relegar a poesia para um plano secundário, um plano decorativo e de exotismo?

No caso das colónias ou territórios ultramarinos portugueses, a poesia de língua portuguesa poderia desempenhar um papel motor. A cultura ser o motor da mudança. Mudança das leis de trabalho e sociais. Leis para já humanas. As mesmas que funcionam nos centros de decisão europeus e locais. Alterações radicais a partir desses centros e de imediata aplicação aqui. O que raramente acontece.

No respeito dos direitos mais elementares dos cidadãos. Nas colónias evidentemente onde, se a situação do homem é dolorosa e indigna, pior ainda é a situação da mulher e da criança. Todos meros objetos de um novo ciclo do escravismo. Os acordos internacionais são letra-morta. E as grandes potências fecham os olhos a esta situação.

Possa a poesia contribuir para uma mudança deste estado de coisas, dignificando a imagem de um país e de uma língua no mundo. (LEMOS, 2009, p. 608)

Pode-se observar, ao ler o trecho do editorial acima, o engajamento não só nas lutas locais, mas uma crítica a um contexto mais global, em que a poesia tem um papel fundamental – que não é o mero papel da denúncia – de divulgar e o de ressignificar a então colônia de Portugal (ou território ultramarino) para o restante do planeta. Assim, *Msafo* se revela como uma crítica não só ao âmbito literário, mas reconhece a inserção profunda e visceral do literário no mundo.

É através desses curtos textos de opinião que Virgílio de Lemos e Bruno dos Reis conseguem apresentar não meramente um projeto poético, de novos conceitos e reformulações no campo da poesia, mas um projeto de nação, de humanidade, em que as fronteiras se rasuram e os limites que segregam o “aqui” do “lá” vão esmaecendo na palavra.

Nomear, por isso, essa revista com tamanha potência de um ritmo local faz com que os leitores estrangeiros se deparem com um conhecido desconhecido, entendendo que a ruptura com um sistema violento e desigual não significa a diluição das singularidades. Analogamente, a criação de heterônimos pelo escritor Virgílio de Lemos é capaz de dar a ver essas “vozes dissonantes” (LEMOS, 2009, p. 391), que se estabelecem na diferença, mas que encontram na palavra da linguagem poética novos horizontes de existência.

Lee-Li Yang, Duarte Galvão e Bruno dos Reis, por esse motivo, se conjugam em tamanho êxtase afetivo que são capazes de estabelecer diálogos epistolares, de se desejarem mutuamente e de refutarem um a presença do outro. Duarte Galvão, o primogênito guerrilheiro, voz que muitas vezes se confunde com a do próprio Virgílio, é quem dá voz às críticas da época, simbolizando, por isso, o próprio pensamento *Msafo*:

a última revolução  
sou eu destino  
nómada que busca a ficção  
de teus gritos corpo  
contra corpo  
no desgarre da ideia  
Liberdade. (LEMOS, 1999a, p. 28)

A palavra, porta-voz, interlocutor e sujeito poético da estrofe do poema acima, almeja a Liberdade. Mas não aquela com letra minúscula, ilusão; uma liberdade capaz de se desenvolver na experiência corpórea – erotismo dos corpos, erotismo das guerras – e culminar no pensamento abstrato. Duarte Galvão, desse modo, através do seu livro *Negra Azul*, consegue transcender a palavra, buscando no silêncio, o pensamento, consciente de sua própria ilusão ficcional, de uma constituição nômade, pois “o que se pode perceber na sua poética é um intenso mergulho na experiência de uma época, na vivência de um tempo que é tanto cronológico quanto corporal.” (PESSANHA, 2013, p. 32)

A ideia parece, assim, uma ressignificação do universo, em que a palavra não limita, não impõe, nem censura: a palavra é sim a própria Liberdade. Não uma ilusão do engajamento, do grito visceral, do embate corporal, mas uma ficção construída para refletir sobre a própria realidade.

Necessária se revela, assim, “a última revolução” através da ressignificação da palavra *Msafo*, sem esgotamento de sentido: a transgressão desse “Tempo de *Msafo*” – como é o título do poema – é a reapropriação de um tempo que transcende a contagem de dias e horas, mas que inicia com essa derradeira revolução. É a partir da revolução da palavra poética que uma nova era é capaz de se iniciar: sem mordanças, relógios nem fronteiras.

Portanto, compreende-se, a partir dos debates iniciados sobre a concepção da revista, que os editoriais da revista *Msafo* anunciam essa tentativa de rompimento dos limites, conscientes, desde o início, de sua importância no cenário histórico e literário. Suas palavras, altamente atuais, acabam, por fim, prevendo debates futuros, corroborando o caráter pioneiro de suas ideias em Moçambique e no restante do mundo.



Segunda página da revista Msaho, com editorial de Virgílio de Lemos

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHABAL, Patrick. *Vozes Moçambicanas: literatura e nacionalidade*. Tradução de Ana Mafalda Leite. Lisboa: Vega, 1994.

FALCONI, Jessica. “Para fazer um mar”. *Literatura moçambicana e oceano Índico*. *Revista Diacrítica*. Braga: volume 27, nº3, 2013.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. *Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa*. Disponível em: [http://www4.pucminas.br/imagedb/mestrado\\_doutorado/publicacoes/PUA\\_ARQ\\_ARQUI20121019162329.pdf](http://www4.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI20121019162329.pdf). Acesso em 16/10/2019.

LEAL, Luciana Brandão. *Virgílio de Lemos: poesia em trânsito*. Tese de doutorado. 241fl. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2018.

LEMOS, Virgílio de. *Eroticus moçambicanus*: breve antologia da poesia escrita em Moçambique (1944/1963). Rio de Janeiro: Nova Fronteira: UFRJ, 1999a.

\_\_\_\_\_. *Ilha de Moçambique*: a língua é o exílio do que sonhas. Maputo: Associação Moçambicana da Língua Portuguesa, 1999b.

\_\_\_\_\_. *Jogos de Prazer*: Virgílio de Lemos & Heterônimos: Bruno dos Reis, Duarte Galvão e Lee-Li Yang. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009

MORAES, Isabella Lígia. *Virgílio de Lemos e a proposta poética de Msaho*: diálogos e tradição na poesia moçambicana. Cadernos Cespuc, número 18, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio*: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

PESSANHA, Fábio Santana. *A hermenêutica do mar*: um estudo sobre a poética de Virgílio de Lemos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2013.

SALLES, Suellen da Silva. *O percurso sócio-histórico de uma tradição discursiva*: da carta ao editorial. 274fl. Tese de doutorado. Programa de Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. *A insularidade reinventada*. Disponível em: <https://www.unicv.edu.cv/images/ail/65Secco.pdf>. Acesso em 14/10/2019.

\_\_\_\_\_. As índicas águas da (na) poesia moçambicana. *Revista Diadorim*, especial 2016, p. 61-82.

*Recebido para avaliação em 23/10/19*  
*Aprovado para publicação em 14/12/19*

## NOTAS

1 Doutoranda em Literaturas africanas de língua portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Estuda a obra poética do escritor moçambicano Virgílio de Lemos e suas paisagens delineadas em seus versos. É orientada pela professora doutora Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco. Atualmente leciona no Ensino Fundamental II e no Pré-Vestibular comunitário do Círculo Laranja, no bairro do Cachambi. Além disso, promove minicursos de curta duração sobre literatura em países africanos de língua portuguesa.